

Cidade Alta: um bairro relativamente tranquilo

Por Ruth Reis da Editoria Local

Do alto da rua Padre Nóbrega, na Cidade Alta, ainda é possível sentir a tranquilidade de uma rua de cidade de interior, embora ela esteja praticamente no centro de Vitória. A única diferença são as portas e as janelas, insistentemente fechadas, por medida de segurança. São poucos os que sobem a rua a pé. A maioria tem carro e prefere gastar um pouco mais de gasolina do que desafiar a acentuada inclinação da Padre Nóbrega na volta das compras ou do trabalho.

Esta região da cidade, situada nas adjacências do antigo Mosteiro de São Francisco (onde está instalada a Arquidiocese de Vitória) é uma das poucas que está fadada a se manter como predominantemente residencial, já que o comércio prefere se expandir pela baixada, onde a oferta de serviços coletivos, como o transporte, está presente.

DESCARACTERIZAÇÃO

A Cidade Alta, que compreende a parte onde se instalou o centro administrativo do Estado e o morro onde se localiza o Mosteiro de São Francisco, já foi a região de maior animação de Vitória. Foi nessa área que começou a surgir a cidade de Vitória, colonizada por portugueses a partir do ano de 1550, e inicialmente chamada Vila Nova. Mas os órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio histórico não chegaram a tempo de evitar a quase completa descaracterização da cidade.

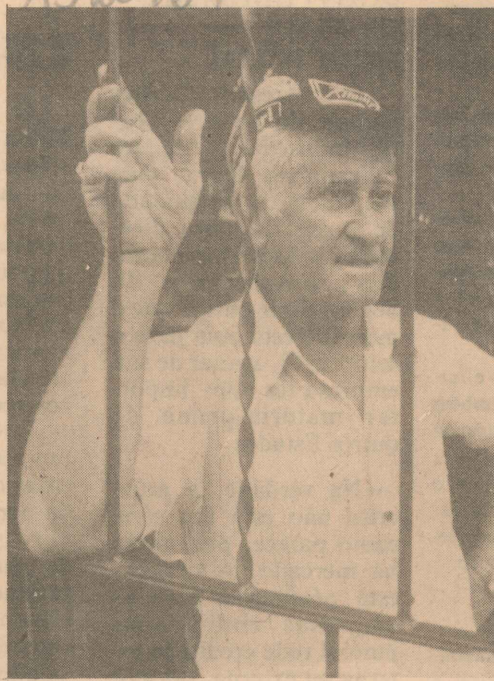
O diretor do Arquivo Público, Fernando Achiamé, afirma que "a Cidade Alta foi toda destruída". E isso ocorreu aos poucos, segundo ele, "a partir do Governo de Jerônimo Monteiro" (1908 a 1912). Diz Achiamé que a documentação existente sobre a Cidade Alta, sugere que a região era muito semelhante à cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, com ladeiras e um casario de estilo arquitetônico mais ou menos homogêneo.

A diferença era a proximidade com o mar, que até o início do século vinha até a altura da rua Duque de Caxias. Nessa época, a cidade de Vitória se resumia à Cidade Alta, da qual ainda não fazia parte a região acima do Mosteiro de São Francisco. Essa deve ter surgido, a julgar pelo estilo das construções, por volta da década de 50.

Jerônimo Monteiro, então presidente do Espírito Santo, foi quem começou a alterar as características originais da Cidade Alta, fazendo uma reforma na antiga Igreja dos Jesuítas, onde até hoje funciona a sede do Governo do Estado (Palácio Anchieta), retirando uma das duas torres da igreja e voltando a frente do prédio para o mar, quando originalmente a frente era voltada para a praça João Clímaco. Curioso é que a entrada do Palácio Anchieta mais utilizada é a lateral — que antigamente era frontal.

ESTILO GÓTICO

Também por essa época foi construída a Catedral Metropolitana de Vitória, no lugar de uma outra igreja ali existente. A responsabilidade pelo estilo meio gótico da catedral, segundo Fernando Achiamé, foi do construtor André Carloni, que resolveu alterar o projeto original, feito



Tarsilo: lembrando tempos de garoto

pelo arquiteto Paulo Mota, e se inspirar numa igreja alemã.

Depois de Jerônimo Monteiro, veio o presidente Marcondes Alves de Souza, que destruiu a Igreja da Misericórdia, mantida pela Irmandade da Misericórdia, para construir o prédio da Assembléia Legislativa, que mistura vários estilos arquitetônicos.

Na década de 20 foi construído o viaduto Caramuru, especialmente para melhorar o sistema de transporte, feito com bondes. Segundo o diretor do Arquivo Público, existe um fato engraçado com esse viaduto: depois que as obras foram concluídas, os responsáveis pela construção acharam que a estrutura tinha ficado um pouco fina (essa foi a primeira construção em concreto armado feito em Vitória) e resolveram então revestir as pilastras de concreto com uma camada de tijolos.

URBANIZAÇÃO

Nessa época começava-se a aterrar os mangues que circundavam a Cidade Alta e a população passava a ocupar as novas áreas abertas para construção. Para o Parque Moscoso se dirigiam as famílias mais bem sucedidas; para a Vila Rubim os portuários; e em direção à rua Sete de Setembro, os funcionários públicos (na rua Gama Rosa, o Estado construiu um conjunto de casas onde alojou parte de seus funcionários).

Hoje, a Cidade Alta deixou de ser o ponto de convergência da população local para suas atividades de lazer. As crianças de hoje não brincam mais de picolê na Praça da Matriz e na Praça João Clímaco, como fazia Tarsilo Menezes, agora com 64 anos e uma memória tenaz. "Eu brincava muito na boca do túnel", disse, referindo-se à possível existência de um túnel saindo da Igreja dos Jesuítas e, segundo ele, indo até o Parque Moscoso.

Tarsilo Menezes lembra-se do bonde Circular que servia a Cidade Alta e fazia ponto atrás da Catedral. Hoje, a Cidade Alta não é mais servida por transporte coletivo. Suas ruas estão invariavelmente cheias de carros estacionados. A praça em frente à catedral não serve mais para o



lazer de fim de tarde. Em sua volta foi criada uma grande área de estacionamento, onde circulam homens que disputam a guarda de chaves dos carros que ali são colocados, evitando que o guarda do Detran os multe.

RESQUÍCIOS

Das primeiras construções, ainda resistem a Igreja de São Gonçalo, escondida atrás de dois prédios de apartamentos, a Igreja de Santa Luzia (que era capela de uma fazenda) e duas casas localizadas atrás da catedral, que foram tombadas pelo Patrimônio Histórico. Também existe o Mosteiro de São Francisco, com uma parte em ruínas. A rua Muniz Freire é a única que conserva o seu traçado original e algumas casas que o Tribunal de Justiça pretende demolir, para ampliar suas instalações.

Também resistem os oitis em um dos lados da rua Pedro Palácios, cujas mudas foram trazidas da Amazônia e plantadas cerca de 60 anos atrás. Antes, a rua Pedro Palácios era conhecida como **Boulevard** Pedro Palácios, sendo cortada por um canteiro central onde foram também plantados os oitis.

Nessa parte da cidade, está começando a aumentar o número de construções residenciais, mas, ao invés de casas unifamiliares, se constroem prédios de apartamentos para a camada social de maior renda. A outra parte da Cidade Alta, no morro do Mosteiro de São Francisco, conseguiu se manter conservada, o que é compreensível por ser mais recente e menos dotada de serviços coletivos.

ESCADARIAS E TRANQUILIDADE

A maior parte das ruas dessa área da Cidade Alta é estreita e termina numa escadaria. Por isso a região não é servida por transporte coletivo. Alguns moradores lembram do microônibus que circulava pela Cidade Alta há alguns anos, mas que foi retirado. Terezinha Di Francisco, que mora lá há 12 anos, disse que o ônibus ajudava bastante aqueles que não têm carro, mas ela, particularmente, não foi prejudicada com a retirada desse meio de transporte e parece não se preocupar muito com essa questão.

O que ela prefere ressaltar é a tranquilidade da região e o fato de se morar longe do barulho, embora próximo ao centro da cidade, onde se tem acesso fácil ao comércio e aos serviços que são oferecidos. Na Cidade Alta, apesar dos prédios serem de bom padrão, o aluguel não é alto, se comparado aos cobrados em alguns bairros da zona Norte da Ilha de Vitória. Terezinha Di Francisco diz que paga por sua casa Cr\$ 40 mil mensais.

Habenezer Silva, outro morador da rua Padre Nóbrega, disse que sua família paga entre Cr\$ 40 e 50 mil de aluguel por um apartamento de três quartos. Arlete Samorini paga por seu apartamento Cr\$ 30 mil de aluguel e diz que a Cidade Alta "é um bom local de moradia para quem tem carro". Ela lembra que essa parte da cidade era conhecida como "Favela de Ouro" pelo fato de abrigar num morro famílias de alta e média renda.

A Cidade Alta, que compreende a parte onde se instalou o centro administrativo do Estado e o morro onde se localiza o Mosteiro de São Francisco, já foi a região de maior animação de Vitória. Foi nessa área que começou a surgir a cidade de Vitória, colonizada por portugueses a partir do ano de 1550, e inicialmente chamada Vila Nova. Mas os órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio histórico não chegaram a tempo de evitar a quase completa descaracterização da cidade.

O diretor do Arquivo Público, Fernando Achiamé, afirma que "a Cidade Alta foi toda destruída". É isso ocorreu aos poucos, segundo ele, "a partir do Governo de Jerônimo Monteiro" (1908 a 1912). Diz Achiamé que a documentação existente sobre a Cidade Alta, sugere que a região era muito semelhante à cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, com ladeiras e um casario de estilo arquitetônico mais ou menos homogêneo.

A diferença era a proximidade com o mar, que até o início do século vinha até a altura da rua Duque de Caxias. Nessa época, a cidade de Vitória se resumia à Cidade Alta, da qual ainda não fazia parte a região acima do Mosteiro de São Francisco. Essa deve ter surgido, a julgar pelo estilo das construções, por volta da década de 50.

Jerônimo Monteiro, então presidente do Espírito Santo, foi quem começou a alterar as características originais da Cidade Alta, fazendo uma reforma na antiga Igreja dos Jesuítas, onde até hoje funciona a sede do Governo do Estado (Palácio Anchieta), retirando uma das duas torres da igreja e voltando a frente do prédio para o mar, quando originalmente a frente era voltada para a praça João Clímaco. Curioso é que a entrada do Palácio Anchieta mais utilizada é a lateral — que antigamente era frontal.

ESTILO GÓTICO

Também por essa época foi construída a Catedral Metropolitana de Vitória, no lugar de uma outra igreja ali existente. A responsabilidade pelo estilo meio gótico da catedral, segundo Fernando Achiamé, foi do construtor André Carloni, que resolveu alterar o projeto original, feito

pelo arquiteto Paulo Mota, e se inspirar numa igreja alemã.

Depois de Jerônimo Monteiro, veio o presidente Marcondes Alves de Souza, que destruiu a Igreja da Misericórdia, mantida pela Irmandade da Misericórdia, para construir o prédio da Assembléia Legislativa, que mistura vários estilos arquitetônicos.

Na década de 20 foi construído o viaduto Caramuru, especialmente para melhorar o sistema de transporte, feito com bondes. Segundo o diretor do Arquivo Público, existe um fato engraçado com esse viaduto: depois que as obras foram concluídas, os responsáveis pela construção acharam que a estrutura tinha ficado um pouco fina (essa foi a primeira construção em concreto armado feito em Vitória) e resolveram então revestir as pilastras de concreto com uma camada de tijolos.

URBANIZAÇÃO

Nessa época começava-se a aterrar os mangues que circundavam a Cidade Alta e a população passava a ocupar as novas áreas abertas para construção. Para o Parque Moscoso se dirigiam as famílias mais bem sucedidas; para a Vila Rubim os portuários; e em direção à rua Sete de Setembro, os funcionários públicos (na rua Gama Rosa, o Estado construiu um conjunto de casas onde alojou parte de seus funcionários).

Hoje, a Cidade Alta deixou de ser o ponto de convergência da população local para suas atividades de lazer. As crianças de hoje não brincam mais de picolê na Praça da Matriz e na Praça João Clímaco, como fazia Tarcilo Menezes, agora com 64 anos e uma memória tenaz. "Eu brincava muito na boca do túnel", disse, referindo-se à possível existência de um túnel saindo da Igreja dos Jesuítas e, segundo ele, indo até o Parque Moscoso.

Tarcilo Menezes lembra-se do bonde Circular que servia a Cidade Alta e fazia ponto atrás da Catedral. Hoje, a Cidade Alta não é mais servida por transporte coletivo. Suas ruas estão invariavelmente cheias de carros estacionados. A praça em frente à catedral não serve mais para o

Também resistem os oitis em um dos lados da rua Pedro Palácios, cujas mudas foram trazidas da Amazônia e plantadas cerca de 60 anos atrás. Antes, a rua Pedro Palácios era conhecida como **Boulevard** Pedro Palácios, sendo cortada por um canteiro central onde foram também plantados os oitis.

Nessa parte da cidade, está começando a aumentar o número de construções residenciais, mas, ao invés de casas unifamiliares, se constroem prédios de apartamentos para a camada social de maior renda. A outra parte da Cidade Alta, no morro do Mosteiro de São Francisco, conseguiu se manter conservada, o que é compreensível por ser mais recente e menos dotada de serviços coletivos.

ESCADARIAS E TRANQUILIDADE

A maior parte das ruas dessa área da Cidade Alta é estreita e termina numa escadaria. Por isso a região não é servida por transporte coletivo. Alguns moradores lembram do microônibus que circulava pela Cidade Alta há alguns anos, mas que foi retirado. Terezinha Di Francisco, que mora lá há 12 anos, disse que o ônibus ajudava bastante aqueles que não têm carro, mas ela, particularmente, não foi prejudicada com a retirada desse meio de transporte e parece não se preocupar muito com essa questão.

O que ela prefere ressaltar é a tranquilidade da região e o fato de se morar longe do barulho, embora próximo ao centro da cidade, onde se tem acesso fácil ao comércio e aos serviços que são oferecidos. Na Cidade Alta, apesar dos prédios serem de bom padrão, o aluguel não é alto, se comparado aos cobrados em alguns bairros da zona Norte da Ilha de Vitória. Terezinha Di Francisco diz que paga por sua casa Cr\$ 40 mil mensais.

Habenezer Silva, outro morador da rua Padre Nóbrega, disse que sua família paga entre Cr\$ 40 e 50 mil de aluguel por um apartamento de três quartos. Arlete Samorini paga por seu apartamento Cr\$ 30 mil de aluguel e diz que a Cidade Alta "é um bom local de moradia para quem tem carro". Ela lembra que essa parte da cidade era conhecida como "Favela de Ouro" pelo fato de abrigar num morro famílias de alta e média renda.

Joecir Secreta



Um das primeiras construções, escondida atrás do Palácio, a Igreja de São Gonçalo ainda resiste